

que, durante algum tempo, trabalharam nas Molucas. A grande maioria delas está redigida em Português e em Castelhana (resp. 130 e 55), as restantes em Italiano ou em Latim; algumas delas revelam uma certa maestria na arte epistolográfica, outras são, do ponto de vista literário, bastante medíocres e outras ainda não passam de simples relatórios.

Cada um dos textos editados vem precedido de umas notícias filológicas e históricas; numerosas notas em roda-pé, por vezes extensas, orientam, a cada passo, o leitor, dando-lhe informações seguras sobre os mais variados assuntos proporcionados pelo conteúdo do documento. A obra termina com um glossário de palavras orientais e um índice das matérias tratadas, minuciosamente elaborado.

O livro do Dr. H. Jacobs é um valioso arsenal de fontes interessantes e um instrumento indispensável para quem se interessa pela história colonial dos portugueses no século XVI. Também o etnólogo, o linguista e o missionário poderão encontrar nesta obra uma porção de dados interessantes e instrutivos. A publicação do Volume I torna-nos desejosos de conhecer também os documentos relativos ao domínio espanhol.

JOSE VAN DEN BESSELAAR.

* *

*

DALTON (George). — *Economic Systems and Society. Capitalism, Communism and the Third World.* Harmondworth (Inglaterra), Penguin Books, 1974, 250 pp.

Desde a Segunda Guerra Mundial as economias mundiais mudaram muito. Os países capitalistas industriais da Europa e os Estados Unidos prosperaram além do previsto em 1930. Uma dúzia de economias comunistas no Leste Europeu, Ásia e América Latina marcaram a mudança para o tipo de economia, até então exclusivo da União Soviética.

A economia também mudou. O uso da matemática aperfeiçoou velhas teorias e tornou possível novas linhas de análises. Ao lado das técnicas e do refinamento de análise da ciência econômica, uma nova ênfase também foi dada à economia como ciência social, relacionada à política, à história, à realidade social. O capitalismo e o socialismo são, antes de tudo, uma realidade social, onde relações sociais são determinadas pelas forças de produção. Por que os Estados Unidos permitem a pobreza e a fome no meio de uma sociedade de opulência? Tem a educação algo a ver com o aumento da renda nacional? Novos problemas e novas questões são colocados pelas recentes mudanças sociais, políticas e econômicas nos países capitalistas, comunistas e nos países em desenvolvimento. É este o pano de fundo da análise do Prof. Dalton.

O livro é dividido na análise de dois períodos: 1750-1950 e 1950 até hoje. Na primeira parte mostra o Autor o papel da Revolução Industrial como motor do capitalismo:

“sistema econômico no qual a propriedade privada dos meios de produção e as transações do mercado de trabalho, recursos e produtos não só estão presentes mas também intimamente ligadas uma a outra e integradas com todos os processos e setores da produção, isto é são os modos dominantes de propriedade e transação” (p. 56).

Um quadro sinótico nos é dado nas páginas 60 e 61, onde tempo, economias mundiais, escolas e clássicos da ciência econômica são colocados didaticamente em correspondência.

As respostas socialistas ao capitalismo são analisadas a seguir: socialismo utópico, socialismo marxista e socialismo democrático. O socialismo do século XIX foi uma resposta ao capitalismo industrial do mesmo século. Já antes houve vozes pedindo por justiça social e igualdade, mas não havia máquinas, fábricas e dependência em massa do salário para sobrevivência. O socialismo do século XIX foi o das máquinas, dos mercados, dos salários e da sociedade por eles produzidas. Daí os três socialismos — utópico, marxista e democrático — terem muito em comum (págs. 67 e segs.).

A seguir trata o A. do capitalismo do Welfare State — 1930-1950. A Primeira Grande Guerra e a Depressão de 30 trouxeram como consequência uma forte sacudida no capitalismo de *laissez-faire*. Keynes destruiu sua racionalidade teórica. A Segunda Guerra provou que o planejamento governamental e o controle das instituições econômicas capitalistas geram pleno emprego. Daí porque

“as intervenções do Governo na economia vieram como resultado de acontecimentos, não de ideologia” (p. 111).

A economia soviética é analisada em seus pontos iguais ao capitalismo de Estado e em suas especificidades como sistema econômico.

A segunda parte — composta de três títulos: economias de capitalismo reformado, novas economias comunistas e economias em desenvolvimento do Terceiro Mundo — é um estudo da atividade econômica do Governo, da distribuição da renda nacional, do crescimento das economias destes países, do subdesenvolvimento e de suas características, mostrando que os países do Terceiro Mundo tem diante de si os exemplos do capitalismo industrial e do comunismo industrial. A longa bibliografia completa este livro de leitura indispensável não só aos economistas, mas aos estudiosos das ciências sociais em geral.

Percebemos na obra de Dalton a visão do sistema econômico como uma realidade social, cujas contradições, cujos avanços e retrocessos se manifestam

nos problemas sociais tolerados pelas classes dirigentes, mas cujas soluções inspiram as mais diversas opções tanto no campo econômico como no campo político.

JANUÁRIO FRANCISCO MEGALE.

* * *

*

SEYFERTH (Giralda). — *A colonização alemã no vale do Itajaí-Mirim. Um estudo de desenvolvimento econômico.* Editora Movimento. Porto Alegre. 1974.

A Autora explora em sua introdução, generalidades inerentes a uma obra científica dessa natureza, como a área geográfica, a procedência dos imigrantes, os critérios terminológicos utilizados para identificar uma sociedade camponesa calcados em antropólogos como G. M. Foster, R. D. Firth, R. Redfield, E. Wolf e T. Shanin. Existem inúmeros conceitos para sociedades camponesas, mas, porque o termo camponês é bastante vago e ambíguo e sua conceitualização depende muito do intento do analista, a Autora empregou e adaptou os critérios propostos por Shanin.

No capítulo II, reservado ao povoamento do Vale do Itajaí-Mirim, historia a imigração alemã no Brasil com os seus insucessos iniciais até 1860, ano em que foi fundada a Colônia Itajaí-Brusque, a qual abrangia principalmente toda a extensão territorial ao longo do Vale do Rio Itajaí-Mirim (tributário do Rio Itajaí-Açú, rio principal da bacia hidrográfica do Vale do Itajaí), fragmentada hoje em Municípios de Brusque, Guabiruba, Botuverá e Vidal Ramos, concentrando a Autora suas pesquisas nos dois primeiros, pois ali houve a concentração de levas de imigrantes alemães, propriamente dito, enquanto Botuverá, Vidal Ramos e ainda Nova Trento, no Vale do Tijucas (também integrante da Colônia Itajaí-Brusque) foram imigrantes italianos. Analisa o povoamento do Vale do Itajaí-Mirim em relação ao sistema *Waldhufen* (Colonização da região montanhosa do leste da Alemanha no final da Idade Média: o tipo de povoamento chamado *Waldhufen*, p. 47). A distribuição das propriedades em lotes alongados, segundo a Autora (p. 48) é que faz o sistema de povoamento assemelhar-se muito à *Waldhufendorf*, característica da colonização medieval da Floresta Negra, Odenwald, leste da Mittelgebirge e em partes das florestas das terras baixas do norte da Alemanha. Rica a explanação em torno desse sistema colonizatório, enfocando detalhes terminológicos da estrutura agrária camponesa medieval, como, por exemplo, *Marschlufendorf*, *Flur*, *Gewanne*, *Haufendorf*, *Strassendorf*, *Flurzwang*. A Autora explica (p. 54), que a tradição histórica do campesinato alemão, o tipo de povoamento que prevaleceu no Vale do Itajaí-Mirim, o isolamento e a adequação de novas técnicas agrícolas ligadas ao cultivo em